

três suecos na montanha

lily gold

Tradução de Célia Correia Loureiro

NOTA DA AUTORA

Este romance de harém invertido inclui cenas gráficas de erotismo entre vários parceiros (não se deixem enganar pela capa com desenhos fofinhos — é muito atrevido!).

Embora este seja um romance doce repleto de momentos picantes, aborda vários temas sensíveis. Pode consultar a lista completa no meu *website*: www.lilygoldauthor.com.

Boa leitura!

DAISY



Juro por Deus que o alce aparece do nada. Num instante, vou tranquilamente no meu caminho, a conduzir por uma estrada sinuosa no meio de um pinhal gelado e resplandecente. É o meu primeiro dia na Lapónia e cheguei ao *Airbnb* algumas horas antes da hora de *check-in*, por isso decidi explorar a zona. Está uma tarde linda; as estradas estão limpas e vazias, as montanhas elevam-se ao meu redor e a neve cai em flocos pesados, que esvoaçam tranquilamente desde o céu.

De repente, faço uma curva e dou de caras com um alce gigantesco.

É enorme, duas vezes mais alto do que o meu carro, com chifres longos e cheios de ramificações que parecem suficientemente afiados para me atravessarem. O corpo bloqueia a estrada toda. Não há maneira de o contornar, de modo que buzino para o assustar.

O que se revela uma má ideia.

Quando o barulho da buzina ecoa na floresta, o alce salta, descreve uma volta quase completa e avança diretamente para o meu carro.

Juro que virei o volante para o lado e engatei a marcha-atrás, o que levou a que o carro saísse da estrada e entrasse num bosque. Por um momento, tudo parece fora de controlo, enquanto os pneus derrapam na neve. Fecho os olhos, a preparar-me para o impacto.

E, então, sou abalada por uma onda de choque. Ouço o som de vidros a partirem-se e sinto o ar gelado contra a pele quando as janelas de trás se

estilhaçam e colapsam para o interior do veículo. O cinto de segurança tranca e cinge-me enquanto sou empurrada para a frente. Antes que saia a voar pelo para-brisas, o *airbag* explode na minha cara, empurrando-me a cabeça para trás. O meu crânio estala contra o assento. A dor rasga-me a nuca e eu grito quando o carro para, a chiar e a ranger.

Durante alguns segundos, fico ali sentada, a arfar. Sou percorrida por ondas de adrenalina. As minhas mãos continuam agarradas ao volante, os nós dos dedos brancos. Está tudo estranhamente silencioso. Ouço o farfalhar das árvores lá fora e o ruído dos flocos de neve grossos que caem e derretem sobre o para-brisas.

Tento mexer-me, mas o *airbag* não mo permite. Ouço-o sibilar enquanto se esvazia lentamente diante da minha cara.

Fechando os olhos, faço um balanço da situação. Não sinto que esteja molhada em lado nenhum, por isso não creio que esteja a sangrar, e nada me dói tanto que pudesse estar partido. Sinto o pescoço a arder quando tento virar a cabeça, mas espero que seja apenas tensão muscular. Expiro aos poucos, a sentir as lágrimas a picarem-me os olhos.

Não quero ser dramática, mas não há dúvida de que esta foi a pior semana da minha vida.

Há apenas sete dias, estava numa sala de aula de artes do liceu, a ensinar alegremente técnicas de esfumar carvão a miúdos de dezassete anos. Depois do trabalho, fui a um *pub*, e, quando cheguei a casa, havia carrinhas da comunicação social à porta e nenhum dos meus amigos estava a responder aos meus telefonemas. O diretor da escola tinha-me despedido por *e-mail* e o meu atendedor de chamadas estava cheio de mensagens de jornalistas. Alguém tinha pintado a palavra «Putá» com *spray* na minha porta da frente.

Um *e-mail*. Foi tudo o que bastou para que o meu ex-namorado, nojento e traiçoeiro, destruísse a minha vida.

Eu esperava que o drama se resolvesse depressa, mas isso não aconteceu. Nos dias que se seguiram, o assédio foi piorando, com mais repórteres a baterem-me à porta e vizinhos zangados a enfiarem-me cartas desagradáveis na caixa do correio. Ontem à noite, por fim, cedi. Tinha de me ir embora. A Suécia pareceu-me um bom sítio para descansar um pouco. Há anos que queria ver a aurora boreal e pensei que, se seguisse bem, bem para norte, até à Lapónia, não haveria hipótese de alguém me encontrar. E estaria a salvo.

Como é evidente, esqueci-me de incluir alces selvagens nos meus cálculos.

Registo vagamente o som de pneus na gravilha e o meu coração dá um

salto quando me apercebo de que um carro parou na estrada atrás de mim. Graças a Deus. Ouço as portas do veículo a baterem e, de seguida, passos apressados na minha direção. Duas vozes masculinas aos gritos, mas não percebo o que estão a dizer. Vejo uma forma escura do lado de fora da minha janela, e depois a porta do lugar do condutor abre-se. Um homem inclina-se para o interior do meu carro e avalia a confusão. Diz qualquer coisa em sueco que soa a urgente, mas eu ainda estou tão atordoada por causa do acidente que me limito a pestanejar na direção dele.

O tipo parece uma espécie de deus nórdico. Um rosto rude e grisalho, barba loura e olhos azuis como o gelo. Talvez seja mesmo o Thor. Como continuo simplesmente a olhar, ele entra no carro, apoia a mão enluvada na minha bochecha e repete a pergunta mais devagar. O polegar roça levemente a minha maçã do rosto.

Finalmente, a minha boca reage:

— Desculpa, mas falas inglês?

Ele levanta uma sobrancelha loura. O *airbag* esvazia-se por completo e fica pendurado no volante como um saco de plástico vazio. Tiro as mãos do volante e deixo-as cair ao lado do corpo. A minha cabeça está a flutuar. Tento lembrar-me do conjunto de frases que memorizei a partir do meu guia nessa manhã.

— Hum. *P-pratar du engelska?* Desculpa, não percebo o que estás a dizer...

O Thor vira-se para alguém atrás dele.

— É *turista* — diz ele em inglês, e as palavras estão impregnadas de repulsa.

— Nesse caso, mais vale deixá-la aí para morrer — diz uma voz baixa. Tento puxar a fivela do cinto de segurança, mas as minhas mãos estão demasiado dormentes para a abrir e escorregam sobre o plástico. O Thor baixa-se e aperta o botão com o polegar. Estremeço quando o cinto de segurança sobe pelo meu corpo, voltando a encaixar-se na base.

Foi o que me manteve viva. Uma tira de poliéster. Sem ela, é provável que estivesse morta.

Merda.

O Thor estreita os olhos na minha direção.

— Conduzes como uma parva — grunhe ele. — E esse sotaque sueco é o pior que alguma vez ouvi na minha vida.

Eu gaguejo.

— Oh, sai da frente — murmura o segundo tipo, e o Thor é empurrado

para o lado. — Se ela está a morrer, pode muito bem olhar antes para alguma coisa bonita, em vez da tua cara feia.

Os meus olhos arregalam-se quando uma nova cabeça entra pela porta do carro. É tão atraente quanto o primeiro tipo — as maçãs do rosto bem cinzeladas e lábios cheios e carnudos. Os olhos são de um verde muito claro, e o cabelo é de um castanho-acobreado brilhante, e cai em caracóis desgrenhados sobre a testa. Ele faz-me um meio-sorriso e surge uma covinha numa das suas bochechas. Sinto o rosto a aquecer.

Não sei bem o que se passa comigo. Regra geral, não é costume olhar descaradamente para os homens. Talvez esteja mesmo a morrer na neve e o meu cérebro esteja a projetar uma alucinação tranquilizadora de homens bonitos enquanto me esvaio em sangue aos poucos. Seria ótimo.

— E-eu peço desculpa — articulo, estupidamente, porque é a única coisa que me ocorre dizer.

— Ah, não peças, querida — diz ele, alegremente, enquanto me percorre com os olhos. Tem um bocadinho de sotaque, uma suave declinação que confere um tom bonito e cantante às suas palavras. — Estás ferida? Doem-te as costas?

— Eu... — Giro os ombros e a dor volta a subir-me ao pescoço. — As costas não.

— Ótimo — Ele estende-me uma mão enluvada. Eu agarro-a e deixo-o puxar-me gentilmente para fora do carro destruído. — A probabilidade que tens de conseguir uma ambulância aqui em cima não me agrada. — Ele puxa-me para a estrada. O ar frio fustiga-me a cara, enquanto os flocos de neve caem, pousando no meu casaco. Tropeço quando os meus pés batem na neve espessa, e ele passa o outro braço à volta da minha cintura, mantendo-me de pé. — Estás bem — diz ele, com suavidade. — Tu estás bem. Ao contrário da pobre árvore em que acabaste de bater.

Preparo-me mentalmente, depois olho em volta para a devastação que causei. Estava mais ou menos à espera de ver uma carcaça gigante a sangrar na neve, mas, a julgar pela linha de pegadas de cascos que conduzem à floresta, o alce safou-se por *pouco*. Ainda bem para ele.

Em vez disso, bati de traseira num pinheiro.

— Que merda — balbucio, a olhar para o carro. Não é lá grande coisa. É um amontoado de metal laranja em segunda mão com a pintura lascada, mas tenho-o desde que era adolescente. Durante anos, poupei o meu ordenado de empregada de mesa para comprar este carro. Nessa manhã, apanhei o *ferry* em vez de um avião, só para poder levá-lo comigo para a Suécia. E agora está

tão amolgado e rachado que nem parece um carro. — Oh, meu Deus! Estava ali um alce e...

— Eu vi-o — resmunga o Thor. — O Eli viu-o. As pessoas da aldeia viram-no. Aparentemente, a única pessoa que não o viu foste tu. — Eu olho para ele. Está de braços cruzados e mandíbula cerrada enquanto olha para mim. — Como é que não viste um animal com dois metros de altura? Conduzes como uma parva. Podias tê-lo matado.

Fico boquiaberta.

— *Eu* podia tê-lo matado? Ele é que podia ter-me matado!

Ele encolhe os ombros, como se a minha morte não fosse assim tão má. O ruivo lança-lhe um olhar, depois vira-se para mim.

— Não liguês, ele fica todo rabugento quando os seus animais se magoam. Como te chamas, querida?

Hesito enquanto a minha mente trabalha a toda a velocidade.

— Hum. Uh... Daisy — digo eu.

Sou uma péssima mentirosa, e, a julgar pelo sobrolho franzido do Thor, ele também pensa assim, mas o outro homem limita-se a sorrir, oferecendo-me a mão.

— Daisy. Que bonito. Eu sou o Elias Sandahl. Bem, prefiro Eli — diz ele, apertando-me a mão com firmeza. — E o urso grande que está a olhar para ti por cima do meu ombro é o Cole. Peço desculpa em nome dele, tem graves problemas comportamentais.

O Thor-Cole resmunga qualquer coisa, e aplica uma palmadinha na bagageira amolgada.

— Espero que não tenhas nada de importante aqui atrás.

Arregalo os olhos. Trouxe telas e todas as minhas tintas comigo, porque pensei que, se continuasse a pintar encomendas, poderia esconder-me aqui durante meses. Para o caso de, um dia, alguém querer voltar a contratar-me.

Merda, merda, *merda*.

Corro para levantar a porta da bagageira e fito, com horror, o meu equipamento destruído. As telas estão todas completamente arruinadas, as molduras partidas e o tecido rasgado. A maior parte da tinta parece estar bem, embora um tubo de vermelho cádmio tenha rebentado, salpicando o restante material todo com um carmesim vibrante e gotejante. Parece o cenário de um crime.

O Eli posiciona-se atrás de mim, a observar a carnificina.

— Merda — diz ele.

Estico a mão para tocar na minha mala de viagem e, quando a retiro,

os meus dedos estão vermelhos. Sou apanhada pela realidade das minhas circunstâncias. Encontro-me presa num país estrangeiro, sem carro, sem forma de ganhar dinheiro e sem saber onde estou. Olho para o céu. Nos últimos minutos, a neve tornou-se ainda mais pesada e as nuvens estão a escurecer de forma ameaçadora.

— *Merda* — repito.

COLE



Claro que é uma turista. *Claro* que sim.

Odeio turistas. Nenhum deles sabe conduzir aqui. Chegam com os seus pneus de verão e acham que vão ser capazes de navegar no gelo e na neve. Olho para dentro da janela partida e luto contra a vontade de praguejar. Ela está a conduzir um carro estrangeiro, por amor de Deus. O volante está do lado errado. É preciso ser-se um condutor exímio para conduzir o tipo de carro errado por estradas escuras e invernais.

Coisa que é evidente que esta rapariga não é. É provável que tenha passado por pouco no exame. Será assim tão difícil desviar-se sem derrubar uma árvore?

Detesto turistas.

Ouçoo vagamente o Eli a namoriscar com ela atrás de mim, enquanto examino o carro. A voz dela soa suave e trémula quando responde. Parece nervosa.

É bom que esteja. É uma sorte que esteja viva. Dou a volta ao carro, a estudar os danos. O vidro traseiro está rachado e a bagageira ficou amassada como uma lata. Ela deixou a chave na ignição, por isso inclino-me e rodo-a. Não acontece nada. Com um suspiro, retiro-a, batendo com a porta do carro.

— Ei! — Levanto o olhar. A rapariga está a franzir-me o sobrolho. — O que é que estás a fazer? Devolve-me as minhas chaves.

Passo os olhos por ela. Ela é pequenina. Se não fossem as curvas suaves

que pressionam o seu casaco de esqui rosa-claro, nem sequer me iria ocorrer que ela tivesse idade suficiente para conduzir. Apesar de ser do tamanho de uma boneca *troll*, está de braços cruzados, a olhar para mim como se estivesse prestes a enfrentar-me.

Não tenho tempo para isso.

— Porque é que buzinaste? — pergunto.

Ela pestaneja.

— Porque estava um alce gigante na estrada. Estava a ver se ele se mexia.

— Nunca se buzina para um alce. Acabas por assustá-lo.

— Bem, sim — murmura ela —, era esse o objetivo.

Eu estremeço.

— O que preferes, um animal de seiscentos quilos parado na estrada, ou a correr por aí de maneira imprevisível?

— Cole — começa o Eli.

Eu ignoro-o.

— *E* estavas a conduzir muito depressa.

— Eu estava abaixo do limite de velocidade! — protesta ela.

— Quando há alces na estrada, conduz-se ainda mais devagar.

— Bem, desculpa se não conheço o *protocolo dos alces* — sibila ela. — É a primeira vez que venho a este país.

Ela começa a avançar na minha direção, mas, um instante antes de me alcançar, perde o equilíbrio e fica a oscilar precariamente sobre os pés. As minhas mãos disparam e agarram-na antes de ela se estatelar no chão. Caramba! Ela nem sequer se consegue manter direita, por amor de Deus.

— Como é que podes ser tão desastrada? — vocífero, pondo-a de pé. — Estavas a conduzir bêbada?

— Podes parar de gritar, por favor? A minha cabeça está a dar cabo de mim. — Ela pega nas chaves e encosta-se pesadamente ao capô do carro, esfregando os olhos. A cor esvaiu-se toda do seu rosto.

Que merda. Ela não é apenas desastrada. Está tonta.

— Bateste com a cabeça, não foi? — digo-lhe, sem rodeios.

Que bom. Agora, mesmo que eu conseguisse pôr o carro a trabalhar, ela não seria capaz de o conduzir.

— Desculpa lá o incómodo — murmura ela.

Suspiro e estendo a mão para o seu rosto. Ela desvia-se das minhas mãos.

— O que estás a fazer?

— A ver se estás a sangrar. — Puxo o seu capuz fofo para baixo e congelo ao obter uma boa visão do seu rosto.

Oh.

Ela é linda. Muito, muito bonita. Bochechas macias, olhos castanhos enormes e uma boca rosada. Ela abana a cabeça e os caracóis castanho-chocolate desfazem-se debaixo do capuz e caem-lhe até à cintura. Ao meu lado, vejo o Eli estremecer de interesse.

— Ela não está a sangrar — digo-lhe eu, com uma voz mais áspera do que o habitual. — Mas está tonta e o carro não pega.

Ele olha com cautela para o céu.

— Então, devíamos voltar para a cidade antes que a tempestade chegue. Instalá-la num hotel e chamar um médico. Ela diz que vai ficar em Kiruna.

Eu bufo.

— Claro que vai.

Passámos o dia todo em Kiruna, a abastecer-nos de mantimentos. Odeio as coisas por lá. Está cheia de turistas nesta altura do ano, que querem andar de trenó puxado por cães, fazer festas às renas e publicar a aurora boreal nas suas histórias de *Instagram*. Olham para os nativos como se fôssemos o raio de uma exposição num museu.

O Eli suspira.

— Meu. Vá lá. A viagem até à cabana pode levar quase uma hora se a neve começar a cair com força. Podemos não conseguir chegar a tempo.

— Vamos conseguir — digo, cheio de convicção.

— Não podes estar completamente certo disso.

— Sim, estou. — Abro a bagageira da nossa carrinha e tiro uma fita de reboque. — Se voltarmos à cidade, vamos ficar presos na neve. Não vou passar *semanas* naquela armadilha para turistas. — Prendo o carro da rapariga, puxo o cabo para me certificar que está firme e depois viro-me para ela. — As chaves.

— O quê?

— Devolve-me as tuas chaves.

Ela parece assustada.

— O quê? Não! Espera, o que é que está a acontecer?

Por um segundo, pergunto-me se ela é mesmo estúpida. Depois, dou-me conta de que ela não percebeu nada da nossa conversa.

Turistas.

— Não podes conduzir — resumo. — O teu carro está destruído e tens um ferimento na cabeça. O que significa que tens de vir connosco. Vem aí uma tempestade. Temos de nos pôr a andar agora.

Ela dá um passo atrás, cruzando os braços sobre o peito. Já está a tremer dentro do seu casaco cor-de-rosa fino.

— Mas vão levar-me para onde?

— Para casa.

Ela arregala os olhos.

— Eu não vos conheço. Não vou deixar que me levem para a vossa casa!

— Está bem. Então, morre aqui.

Bato com o porta-bagagens da carrinha.

O Eli põe o casaco sobre os ombros dela.

— Não tens escolha, querida — diz ele, a desculpar-se. — Já estás a congelar. Quando o vento levantar, vais ficar com hipotermia num instante. Juro que não mordemos.

— Eu posso chamar alguém para rebocar o carro. — Ela olha para mim.

— Um profissional. Não um estranho qualquer na rua.

— Boa sorte com isso.

— Com este tempo, ninguém virá — explica o Eli. — Neste momento, toda a gente está a ir para casa esperar pela tempestade. Duvido que consigas sequer apanhar rede.

Estendo uma vez mais a mão.

— Vou pedir uma última vez. Dá-me. As tuas. Chaves.

Ela olha-me fixamente, com o maxilar tenso, a raiva a arder naqueles bonitos olhos castanhos. Os flocos de neve caem entre nós, e já se nota que estão a ficar mais agitados. Sem pensar, inclino-me e puxo o capuz do casaco dela para baixo, cobrindo-lhe a cabeça.

Ela aperta os lábios. Lentamente, abre a mão enluvada e oferece-me a chave. Pego nela e meto-a de novo na ignição do carro para destrancar a direção, depois volto para a carrinha, agarro o puxador da porta de trás.

— Entra.

Ela atira-me um último olhar duro, depois entra sem dizer nada. Eu fecho a porta e dirijo-me para o lado do condutor.

— Custava-te muito ser simpático? — resmunga o Eli, enquanto prende o cinto ao meu lado. — Ela teve um acidente de carro.

— Estou a salvar-lhe a vida. Acho que isso é muito simpático da minha parte.

— Ela está assustada — insiste ele.

— Podes dar-lhe colo quando chegarmos. — Ligo o motor. — Põe o cinto de segurança — ordeno por cima do ombro, depois arranco com a carrinha.

DAISY



Se calhar devia ter argumentado mais, penso, enquanto vejo a floresta coberta de neve a passar do lado de fora da janela. Acho que li algures que as hipóteses de escaparmos a um rapto diminuem em noventa e cinco por cento quando se entra no carro. Não conheço estes homens. Podem ser qualquer um.

Sinceramente, estou a começar a não me sentir bem. Agora que a adrenalina saiu de mim, não consigo parar de tremer. O meu cérebro está lento e enevoado e o meu pescoço está a matar-me. Acho que é um efeito secundário por ter sido empurrada para trás contra o banco.

— Tens a certeza de que não me podes levar de volta à cidade? — pergunto ao Cole, enquanto espreito pelo para-brisas. O terreno está a ficar mais íngreme à medida que subimos a montanha. O medo aperta-me. A que altitude é que estes tipos vivem? Disseram-me que Kiruna, onde era suposto ficar, é a cidade mais setentrional de toda a Suécia, mas já estamos a conduzir há algum tempo, e não vejo sinais de que vamos parar em breve.

Ele aperta o volante com as mãos.

— Não.

— Como é que eu sei que não estão a raptar-me?

— Não sabes.

— Ótimo — murmuro. — Fantástico.

Enfim. Acho que não tenho outra hipótese. Se ele tiver razão e vier aí

uma tempestade, eu teria morrido na mesma. Pelo menos, ser cortada aos bocadinhos será mais rápido do que sufocar debaixo de uns quantos metros de neve.

Dou uma vista de olhos ao carro. É uma carrinha gasta, de aspeto robusto, com bancos de couro escuro. Há casacos de inverno empilhados no banco de trás, a meu lado, e a bagageira está cheia de caixas de cartão e ferramentas.

Olho para elas com desconfiança.

— Há uma arma aqui atrás.

— Sim — responde o Cole.

— E um machado.

— Bem visto.

— Será que podem explicar porquê?

Ele dobra uma esquina e entramos num troço de floresta ainda mais denso. As árvores estão tão próximas umas das outras que absorvem os faróis do carro, escurecendo a estrada.

— Não.

Excelente.

O Eli vira-se e faz-me um sorriso.

— Não te preocupes, querida. Vamos levar-te para um lugar seguro. Prometo.

O Cole murmura qualquer coisa e o Eli revira os olhos. Os homens começam a discutir num sueco rápido, e eu afundo-me no meu assento, fechando os olhos para combater a dor de cabeça latejante.

Acordo com um sobressalto quando o carro para. Devo ter adormecido. Os rapazes estão a tirar o cinto de segurança e a calçar as raquetes de neve.

Parámos em frente a uma cabana de tamanho razoável, rodeada de árvores dispersas e congeladas. As paredes são feitas de tábuas de madeira pintadas de vermelho e há luzes douradas a brilhar nas janelas. Parece saída de um postal de Natal.

Sento-me no meu lugar para ver melhor e quase solto um grito quando sinto a dor no pescoço. Está ainda mais rígido do que antes, e cerro os dentes para combater as lágrimas que me saltam dos olhos.

Sou atingida por uma rajada de ar gelado quando o Eli abre a minha porta.

— Precisas de ajuda? — pergunta ele, alegremente.

— Eu consigo — murmuro, deslizando para fora do carro e para a neve.

Afundo-me imediatamente, quase até aos joelhos. A água gelada penetra no tecido das minhas calças de ganga. Estremeço e olho em redor, absorvendo o ambiente.

A neve está a cair do céu, mais espessa do que antes. É difícil ver por entre o redemoinho de flocos espessos. Para além de um grande armazém de madeira, não há mais nenhum edifício por perto. Acho que estes tipos devem viver completamente isolados. Sozinhos na floresta. Sem vizinhos bisbilhoteiros por perto para ouvirem os gritos das suas vítimas.

Ótimo.

O Eli e o Cole tiram uns caixotes da bagageira da carrinha e dirigem-se para a porta da frente. Eu tento segui-los, mas, quando dou um passo em frente, o meu pé afunda-se. Arranco a perna de trás da neve e dou outro passo em frente. É como andar em areias movediças. Só consigo avançar cerca de três metros antes de o meu pé ficar preso em algo escondido debaixo da neve. Perco o equilíbrio, oscilo e depois tropeço para a frente. Estendo os braços, preparada para levar com a neve na cara...

E um par de braços fortes envolve-me o corpo. Sou levantada e pressionada contra o peito de alguém.

Olho para cima e vejo o Cole a carregar-me, como se eu fosse tão leve como uma criança. Assim de perto, consigo distinguir as suaves cerdas louras que lhe sombreiam o maxilar. Vejo um floco de neve a derreter na sua pele.

— Não temos o dia todo — murmura ele, enquanto avança. Atravessa a distância entre a carrinha e a cabana em apenas alguns passos largos, e, então, muito, muito gentilmente, pouso-me à porta, ao lado do Eli. — Leva-a para dentro. Eu vou meter o carro dela no celeiro — diz com aspereza, e desaparece.

O Eli abre a porta da frente e segura-a para mim.

— Tu primeiro — diz ele, animado.

Engolindo o nervosismo, entro na cabana.

Não sei bem do que estava à espera. Um matadouro salpicado de sangue? Os corpos das suas antigas vítimas todos pendurados no teto em ganchos de talho?

Na verdade, é uma casinha muito bonita. A porta da frente dá diretamente para a sala de estar. Na parede à minha direita há um conjunto de armários e ganchos, suponho que para sapatos e casacos. À minha esquerda, há um sofá de aspeto mole e um par de poltronas agrupadas à volta de uma mesa de centro. Na lareira, crepita um fogo vivaço, e as paredes de madeira estão revestidas de luzes elétricas que emitem um suave brilho dourado.

Dou mais um passo cauteloso para dentro, olhando em redor. Há estantes de livros ao longo das paredes. Uma grande mesa de jantar, rodeada de cadeiras desencontradas. A sala de estar é aberta e consigo ver uma pequena cozinha bem iluminada.

— Riv! — chama Eli atrás de mim, tirando o casaco. — Olha o que encontramos!

Um homem aparece à porta da cozinha, a segurar uma caneca fumegante. Fico um bocado a pestanejar quando ele vem para a luz. Caraças.

É deslumbrante. Pele de um castanho intenso, maçãs do rosto altas, lábios cheios. Está a usar uma camisa branca engomada, aberta no colarinho. As mangas estão arregaçadas e revelam antebraços incrivelmente grossos, cobertos de pelos escuros. Atrás de um par de óculos de aros grossos, os olhos são penetrantes e frios. Quando ele me percorre com o olhar, sinto-me quase como se estivesse a ser examinada.

— Olá — digo eu, embaraçada. — Desculpa a intromissão.

Ele ignora-me e olha por cima do meu ombro.

— Eli. O que é isto? — A sua voz é calma e profunda, sem qualquer vestígio de sotaque.

— É uma rapariga. — O Eli ajuda-me a tirar o casaco. — Sei que já estás por aqui há algum tempo, mas de certeza que já deves ter visto alguma antes.

Um músculo treme na mandíbula do homem.

— Porque é que ela está *aqui*? — enfatiza ele.

— O carro dela avariou. Não podíamos deixá-la na tempestade, por isso trouxemo-la para aqui.

— E agora, quê? Ela vai ficar aqui?

— O que é que eu havia de fazer? — O Eli empurra-me gentilmente para uma poltrona e inclina-se para me tirar as botas. Eu tento empurrá-lo, não sou nenhum bebé, mas, quando me inclino para a frente, sinto a dor no pescoço e sou obrigada a endireitar-me com um tremor. Ele olha-me com simpatia, ajoelha-se aos meus pés e puxa os atacadores dos meus sapatos cobertos de neve. — Devíamos tê-la deixado ali a morrer?

— Não temos um quarto de hóspedes — diz o homem, friamente.

— Oh, ela é só esta coisinha pequena — diz o Eli, alegremente. — Tenho a certeza de que a conseguimos encaixar algures.

— *Ela* tem nome — interrompo, farta de os ouvir a falar por cima da minha cabeça. — Chamo-me Daisy. Prazer em conhecer-vos.

Os olhos do homem voltam a percorrer-me.

— Riven.

A porta abre-se atrás de mim e a neve cai para o corredor quando o Cole entra, a bater as botas para a sacudir.

— Cole — dispara o Riven. — O que é que se passa?

O Cole espeta o queixo na minha direção.

— Vê como ela está — ordena ele, ríspido.

— O quê? Porquê? — exige o Riven saber. — Quem é esta rapariga?

Abano a cabeça. Já estou farta disto. É evidente que o Eli é a única pessoa que me quer ali.

— Sabem que mais, talvez seja melhor ir-me embora. De certeza que há um hotel ou qualquer coisa aqui perto onde eu possa ficar.

Eu tento deslizar para fora da cadeira, mas, ao que tudo indica, depois de tudo o que aconteceu hoje, o meu corpo acabou por desistir. Os meus joelhos vacilam e dobram-se por baixo de mim.

— Ei! — Três pares de mãos agarram-me: as do Cole nos ombros, as do Eli nas ancas e as do Riven na cintura. Nem sei como é que ele atravessou a sala tão depressa. Tenho de lutar contra a vontade de arquejar quando os três homens me empurram de volta para a cadeira. É impressionante ser tocada em tantos sítios, por tantas mãos quentes e grandes.

O Eli aperta-me a barriga da perna.

— Achamos que ela bateu com a cabeça no acidente. Não se está a sentir muito bem.

O Riven dirige a sua atenção para mim.

— Estás ferida? — tenta saber.

— Dói-me um bocadinho o pescoço — admito.

— Já devias ter dito. — Ele vira-se e dirige-se para a cozinha. — Põe-na em cima da mesa. Preciso dela debaixo da luz.

Eu grito quando os braços do Cole voltam a envolver-me e me levantam do chão. Ele leva-me para a mesa de jantar de madeira escura.

— Eu consigo andar sozinha — murmuro.

— Aprendeste há pouco tempo? Não tens lá muito jeito para isso.

O Riven lava e seca as mãos, depois vem pôr-se à minha frente. Não consigo acreditar no tamanho dele. Apesar de eu estar sentada na mesa, ele continua a elevar-se sobre mim. Todos os homens parecem anormalmente grandes; o Eli é o mais baixo e, mesmo assim, tem mais de um metro e oitenta de altura.

Os olhos escuros do Riven parecem atentos enquanto estuda o meu rosto.

— Estás com náuseas? Confusa?

— Um bocadinho.

Quem é que não estaria confuso naquele momento?

— Dói-te a cabeça?

Encolho-me.

— Está a dar cabo de mim.

Os lábios descrevem uma curva para baixo.

— Hum! — Ele segura a minha cabeça com as mãos. Dou um pequeno salto ao sentir as suas mãos frias. — Muito bem. Vou só verificar se tens ferimentos na cabeça e no pescoço. Por favor, fica quieta. Isto pode doer.

RIVEN



Eu vou matar o Eli.

A culpa é dele. Só pode. Não sei exatamente como é que ele arranjou maneira de encontrar uma rapariga encalhada na estrada, mas tenho a certeza de que o fez de propósito. É o tipo de coisa que ele faria. Ele não conseguiria manter-se afastado de uma mulher bonita nem que a sua vida dependesse disso.

E, claro, ela tinha de ser bonita. Foi difícil não observar enquanto ela e o Eli despiam as roupas todas de inverno. O seu casaco grosso e o capuz fofo caíram, revelando curvas suaves, cabelo castanho longo e um rosto doce, em forma de coração. Vestia umas calças de ganga azuis que lhe cingiam as ancas e uma camisola térmica justa que mostrava os seios fartos. Consigo ver a linha pálida do sutiã através do tecido.

E agora ela está sentada à minha frente, e eu tenho de lhe tocar, de sentir a textura cremosa da sua pele macia. Ela olha para mim, com os seus meigos olhos castanhos sem pestanejar, enquanto eu manejo o seu pescoço, girando-o suavemente de um lado para o outro. A minha mão parece gigante debaixo do seu maxilar delicado. Ela é pequena, deve ter pouco mais de um metro e cinquenta. Alcanço a parte de trás do seu pescoço e ela estremece um bocadinho.

— Assim dói?

Toco no músculo sensível, pressionando ao de leve. Ela acena com a

cabeça, depois solta um pequeno gemido enquanto eu massajo o local com o polegar, para sentir melhor. Cerro os dentes.

Sim. Eu vou matar o Eli. Devagarinho.

A Daisy deve ter percebido o meu mau humor, porque aclara a garganta de forma estranha.

— Desculpa incomodar-te com isto. Provavelmente não era assim que querias passar a noite.

— É o meu trabalho — digo, simplesmente.

— És médico?

Aceno com a cabeça, enquanto acabo de lhe examinar o pescoço e dirijo a minha atenção à sua cabeça. Os meus dedos passam pelo seu cabelo enquanto procuro por possíveis feridas no seu couro cabeludo. É como se estivesse a passar as mãos por seda. O cabelo dela é ridiculamente macio e cai até à cintura. Quando o separo com cuidado, à procura de sangue ou de um inchaço, chega-me ao nariz um aroma doce a pêssego. Sinto, literalmente, água na boca.

Ela estremece de repente, um arrepio que lhe percorre a espinha.

Faço uma pausa.

— Tens frio? Queres um cobertor?

— Estou ótima.

— Podemos aumentar o aquecimento, não há problema.

— Eu não tenho frio. Desculpa. É que... sabe bem.

Fico a olhar para ela.

Ela contorce-se, claramente desconfortável.

— Então. Hum. És médico aqui em cima? Por acaso há alguém por aqui para tratares?

— Há povoações aqui perto. Algumas aldeias sami. Faço visitas ao domicílio, sobretudo a pessoas que não conseguem chegar aos hospitais da cidade. — Acabo de lhe examinar a cabeça. — Olha para cima, por favor. — Ela obedece e encolhe-se um pouco. Há qualquer coisa a remexer-se no meu estômago.

Submeto-a a todos os testes que posso fazer em casa, verificando o seu equilíbrio, os reflexos, a dilatação das pupilas. Ela passa em todos com distinção. Por fim, tiro a caneta do bolso para ver se ela consegue seguir o movimento. Levanto-a diante da cara dela.

— Vou mover a caneta para a esquerda e para a direita. Quero que a sigas com os olhos. — Ela assente, e vai girando a cabeça enquanto mexo a caneta. Prendo-lhe o queixo com a mão. — Mantém a cabeça quieta — ordeno,

baixinho. Ela olha para mim, um pouco atordoada. Mantenho a mão debaixo do seu maxilar, enquanto terminamos o teste, e sinto a sua pulsação a latejar contra os meus dedos.

Ela consegue seguir o movimento sem qualquer problema, por isso afasto-me, satisfeito. — Muito bem. — Volto a guardar a caneta no bolso. — Não tens nenhuma contusão, embora pareça que tens uma ligeira entorse no pescoço. No entanto, ainda tens uma grande amplitude de movimentos. No teu lugar, não ficaria muito alarmado. — Esfregando as mãos, dirijo-me para o armário da cozinha que usamos como armário médico, e ponho-me a remexer no seu interior. — Vou dar-te uns relaxantes musculares para as dores. Vão deixar-te sonolenta, mas é melhor dormires, de qualquer forma. É provável que os outros sintomas sejam só o choque psicológico. As experiências de quase-morte tendem a fazer-nos sentir mal. — Encontro a embalagem de comprimidos roxos que procurava e verifico a data de validade. — Depois de comeres e dormires, deves começar a sentir-te mais normal. Podes preparar-lhe alguma coisa para comer, Eli? Algo quente?

— Claro que sim. — Ele salta do balcão. — Também queres?

— Eu já comi. Quero ir dar uma olhadela ao carro dela antes que a neve fique muito má. — Entrego-lhe os comprimidos. — Toma dois quando comeres. Onde é que estás alojada? Kiruna? — Ela acena com a cabeça. — Vai demorar um bocado até que as estradas para a cidade voltem a estar desobstruídas, mas há uma povoação sami a meio caminho. Uma aldeia. Eles têm um mecânico. Tens a carteira contigo?

Ela acena com a cabeça, tirando-a obedientemente do bolso das calças de ganga e entregando-ma.

— A sério? — diz o Eli. — Fizeste aquele estardalhaço todo por causa de o Cole rebocar o teu carro, mas dás-lhe a carteira assim sem mais nem menos?

Ela encolhe os ombros.

— Agora já estou aqui. Se vocês *forem* assassinos, não vou precisar do dinheiro quando me tiverem cortado aos bocados.

Os meus lábios contorcem-se contra a minha vontade.

— Não te estou a roubar. Vou chamar o mecânico. Ele não vai conseguir ajudar até a tempestade passar, mas será mais rápido se marcarmos já uma hora. — Abro a carteira e começo a procurar entre os cartões. — Preciso da tua carta de condução e do cartão do cidadão. — Vejo o rebordo da carta de condução e preparo-me para a remover.

De repente, ela atira-se a mim, arrancando-me a carteira da mão.

— Desculpa, desculpa, mas não pode ser — balbucia ela, de olhos arregalados. — Eu, hum... não tenho.

Sinto uma sobrelanceira a erguer-se.

— Não tens carta de condução?

— Bem, é evidente que tenho. — Ela engole em seco. — Mas é que... não ta quero dar agora.

— Porquê?

— Porque ainda não te conheço. Podes estar a tentar roubar-me a identidade, ou assim!

— *O-kay* — digo, lentamente. Ela retorcede-se para voltar a enfiar a carteira no bolso, e de repente fica imóvel, agarrada às costelas. Franzo o sobrolho. — Doeu? — Pego na bainha da *t-shirt* dela. — Deixa-me ver.

Ela afasta a minha mão.

— Que raio achas que estás a fazer?

Eu pestanejo.

— Tira a camisola. Preciso de ver o teu tronco.

— O quê? Não! — Ela resvala para trás na mesa. Parece legitimamente alarmada, como se eu estivesse prestes a arrancar-lhe a roupa toda do corpo. — Está tudo bem. Só distendi um músculo ao levantar a mala de viagem há pouco.

— Tira logo isso — resmungo o Cole da porta. — Não sejas parva.

— Para de me chamar parva — responde ela. — Não é *parvo* não querer tirar a minha camisola, imbecil.

O Eli bufa.

— Eu não estou a tentar ver-te despida — digo, calmamente. — Só quero ver se te magoaste nas costelas.

Ela hesita e eu volto a estender a mão.

Ela afasta as minhas mãos com uma palmada.

— Não! Para!

Tento controlar a frustração.

— Porque não?

Ela cruza os braços sobre o peito.

— Porque eu disse que não! Não é suficiente? Já te disse que estou *bem*.

Estudo-a durante alguns segundos. Ela está a respirar com dificuldade, com o maxilar muito firme. Parece que está prestes a lutar comigo.

— Tudo bem. — Viro-me para o Eli. — Prepara alguma comida para ela — digo-lhe, passando para suco. — Eu vou dar uma olhadela ao carro

dela. Faz-lhe algumas perguntas. Descubra quem ela é, o que está aqui a fazer. Obtém o máximo de informação que conseguires.

Ele faz-me uma continência preguiçosa.

— Certo, chefe.

A Daisy escorrega da mesa e estremece quando a dor volta a atravessá-la. Faço uma pausa junto à porta. Estou tão habituado a que o Cole esconda ferimentos de bala e mordeduras de animais que não consigo deixar de imaginar o pior cenário possível. Hemorragia interna. Ossos partidos. Infeção.

Sinto-me um idiota por a pressionar, mas ela teve um acidente de carro. Se for grave, pode acabar por morrer sem assistência imediata. Não é que possa ser levada para as urgências no meio de uma tempestade. Ela precisa de ser examinada.

— Tenta convencê-la a tirar a camisola — acrescento. — Vê se tem alguma nódoa negra ou cortes.

— Seu tarado.

Reviro os olhos e pego no meu casaco, calçando as raquetes de neve.

— Tenta e pronto.

Eu calço as luvas e saio para a neve.

Graças a Deus que temos o Eli. Se há alguém capaz de fazer a rapariga sentir-se à vontade para me deixar examiná-la, é ele. Normalmente, é difícil convencer as mulheres a manterem as roupas *no corpo* quando estão perto dele.

Ele também vai conseguir que ela fale. Com o seu charme, o Eli consegue arrancar informações a quase toda a gente. Aposto que, em menos de uma hora, ela já terá contado a história toda da sua vida.

Então, vamos descobrir quem é afinal esta rapariga estranha.